



A memória popular como arquivo: buscando a historicidade de repentistas femininas do século XIX

Popular Memory as an Archive: Seeking the Historicity of 19th-Century Female *Repentistas*

Daniel Issa Gonçalves
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Resumo: O repente é uma das manifestações mais características do nordeste, e um relevante patrimônio poético-musical brasileiro. Datam do início do século XX as primeiras coletâneas de versos de repentistas publicadas por estudiosos. Apesar da ampla divulgação de suas obras, pouco se sabe a respeito da biografia de alguns dos repentistas do século XIX, principalmente no caso das mulheres – chegando-se a colocar em dúvida a existência de algumas delas. Nos propusemos, portanto, a investigar sobre a historicidade de algumas das figuras femininas do repente oitocentista, como Chica Barrosa, concentrando-nos, porém, em Maria Turbana, também chamada Maria Trubana, Maria Trobana, Maria Tebana ou Maria Thebana conforme a fonte – cuja menção mais antiga identificada até o presente foi feita por Rodrigues de Carvalho em 1903. Pesquisando em assentamentos paroquiais de dioceses do interior da Paraíba e do Rio Grande do Norte assim como em jornais e periódicos literários da época, chegamos a encontrar referências anteriores a 1903, assim como relatos de contemporâneos que testemunharam de sua existência na década de 1870. E encontramos também formas de memória popular que dispensam a intermediação de arquivos e bibliotecas, como versos de Maria Turbana presentes no repertório de rabequeiros pernambucanos e na boca de uma pombagira que leva seu nome (os mesmos registrados por Rodrigues de Carvalho quase 120 anos antes) num terreiro de umbanda ativo na periferia de Recife.

Palavras-chave: repente; repentistas; Maria Turbana; memória popular; tradição oral.

Abstract: The *repente* is one of the most characteristic manifestations of the Northeast region and is an important Brazilian poetic and musical heritage. The first collections of its verses published by scholars date back to the beginning of the 20th century. Despite the wide dissemination of their works, little is known about the biographies of some of those singer-poets of the 19th century, especially in the case of women – sometimes even questioning their existence. We therefore set out to investigate the historicity of some of the female *repentistas* of the nineteenth-century, such as Chica Barrosa, but focusing on Maria Turbana, also called Maria Trubana, Maria Trobana, Maria Tebana or Maria Thebana according to the source – whose earliest mention we identified was by Rodrigues de Carvalho in 1903. By researching parish registers in the dioceses of Paraíba and Rio Grande do Norte, newspapers and literary periodicals of the time, we found references prior to 1903, as well as reports from contemporaries who attested to her



existence in the 1870s. And we also found forms of popular memory that do not require the intermediation of archives and libraries, such as verses by Maria Turbana present in the repertoire of *rabequeiros* from Pernambuco and in the mouth of a *pombagira* that bears her name (the same ones recorded by Rodrigues de Carvalho almost 120 years earlier) in a *terreiro de umbanda* active on the outskirts of Recife.

Keywords: *repente*; *repentistas*; Maria Turbana; popular memory; oral tradition.

Introdução

A segunda metade do século XIX parece ter sido uma época áurea para os cantadores repentistas muitos dos quais alcançaram fama regional, e mesmo nacional, após a publicação de seus versos os quais, até então, eram transmitidos oralmente. Rodrigues de Carvalho foi um dos primeiros a documentar, em seu "Cancioneiro do Norte" (Carvalho, 1903), esse repertório que circulava principalmente na tradição oral rio-grandense e paraibana. Outros pioneiros foram Leonardo Mota, em "Cantadores – Poesia e Linguagem do Sertão Cearense" (Mota, 1921), e Francisco das Chagas Batista, em "Cantadores e Poetas Populares" (Batista, 1929) – sendo ele próprio descendente de um clã de repentistas (Lewin¹, 1979, p. 176). Esses três autores foram os principais responsáveis por dar a conhecer esse repertório e seus autores aos círculos *savants* no começo do século XX.

Negro e ex-escravizado, Fabião das Queimadas (1848-1928) é um exemplo de cantador que conseguiu conquistar o reconhecimento das elites, tendo sido convidado para se apresentar em festas do governador Joaquim Ferreira Chaves e do próprio Câmara Cascudo. Talvez seja por isso que dele não faltam registros, até mesmo fotográficos, sendo que sua família conservou inclusive o arco original de sua rabeça (Medeiros, 2017, p. 120). Outro com farta documentação a respeito é Neco Martins, coronel e membro de uma família de latifundiário e que foi, inclusive, o fundador da cidade de São Gonçalo do Amarante, no Ceará. No entanto, sobre Chica Barrosa, violeira negra com quem Neco teria duelado, quase não há registros além dos versos transcritos a partir dos relatos orais – como, aliás, ocorre com a maioria das mulheres repentistas daquele período – levando alguns inclusive a questionar a sua existência. Discorrendo sobre "Maria Tebana", Atila de Almeida e José Alves Sobrinho exemplificam esse fenômeno:

cantadora norte-rio-grandense do século passado sobre a qual as notícias se resumem a fragmentos de desafio havido entre ela e Manoel do Riachão. O desafio, pela mostra, é medíocre. Em Vaqueiros e Cantadores, Câmara Cascudo fornece dela retrato mais realista ou fantasioso: "possuiu uma das mais fortes e lindas vozes de que o sertão se orgulhava. Versejava com rapidez e seu 'repente' era assustador...". Nunca houve quem

¹ Linda Lewin teve relevante contribuição na investigação da biografia de repentistas. Um exemplo é o presente trabalho citado, além de outro sobre o "grande Romano", onde lança mão de registros genealógicos e tradições familiares para reconstituir a parentela e a ancestralidade do cantador (Lewin, 2007).



soubesse em que município e ano nasceu. Ao contrário, da existência de Rita Medeiros, há mais certeza. (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 305).

Sobre Rita Medeiros, escrevem ainda Almeida e Alves Sobrinho: "figura vaga [...] Certamente, pelo menos como cantadora ou emboladora de coco², Rita Medeiros nunca existiu. Se existiu como mulher, virou personagem musical" (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 179).

Há quem compare os repentistas aos trovadores medievais, enxergando neles inclusive uma possível sobrevivência, hibridizada, dessa tradição no Brasil (Barroso, 1921, 15, 563 *et seq.*, 583 *et seq.*). Ainda que essa hipótese seja difícil de ser comprovada, pode-se traçar alguns paralelos entre os menestréis da Idade Média e os poetas sertanejos como o fato de serem músicos-poetas, a um só tempo criadores e intérpretes, de vida errante, cujas peças eram transmitidas oralmente. Eventualmente, suas obras eram transcritas a posteriori em coletâneas, nas quais se encontram versões diferentes da mesma peça, variando conforme o escriba ou o informante. Apesar da notoriedade de suas obras, há relativamente pouca informação sobre a biografia desses poetas-músicos, sobre os quais sobreviveram apenas dados escassos, muitas vezes preenchidos com a imaginação dos biógrafos, tornando-os personagens semi-lendários (Boutière; Schutz, 1973. p. XII *et seq.*). O que é verdade para os trovadores medievais, também é para certos cantadores do sertão do século XIX, sobretudo no caso de mulheres, iletrados e ex-escravizados.

Existiriam outras fontes históricas sobre essas cantadoras, sendo que a maioria delas eram filhas do povo, analfabetas, e mesmo ex-escravizadas? Em nossa investigação, tratamos de buscar registros da existência dessas repentistas, centrando-nos na figura de Maria Turbana, também chamada Maria Thebana (com e sem "h"), Maria Trubana, ou ainda Trobana.

O caso de Chica Barrosa

Apesar de seu notório duelo com Neco Martins, repentista sobre cuja existência não pairam dúvidas, os dados biográficos a respeito Chica Barrosa são fragmentários e imprecisos. Segundo o Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada, Chica Barrosa era uma

cantadora paraibana nascida em Patos [que], viveu no final do século passado e começo deste. Morreu em 1916. A descrição que Câmara Cascudo em *Vaqueiros e Cantadores* faz de Xica Barrosa como era conhecida a cantadora, é a de José Rodrigues de Carvalho, em *Cancioneiro do Norte*, a ele passada por Romeu Mariz: "alta, robusta, mulata simpática, bebia e jogava como qualquer boêmio, e tinha voz regular". Xica Barrosa foi vencida num desafio em 1910 por Neco Martins e venceu Manoel

² Foi mantida a grafia original dos textos citados.



Francisco em Pombal. Nesta mesma cidade morreu assassinada num samba. (Almeida; Sobrinho, 1978, v. 1, p. 86).

Em seu livro sobre Chica Barrosa, Irani Medeiros afirma que seu nome era Francisca Maria da Conceição e teria nascido não em Patos, mas em Pombal, a 10 de julho de 1867, filha dos negros alforriados João Francisco dos Santos e Josefa da Conceição Silva, e que morrera assassinada por José Pedro da Silva no dia 3 de outubro de 1916, num baile, por questões de relacionamento amoroso (Medeiros, 2009, p. 53-54). Mariana Ananias, em sua tese sobre Chica Barrosa, buscou confirmações destes dados nos registros paroquiais de Pombal, porém não os encontrou (Ananias, 2023, p. 72-73). Procedemos da mesma forma, incluindo também os registros de Patos, tendo os mesmos resultados negativos³. A data de seu falecimento também é um dado controverso, uma vez que tanto Almeida e Sobrinho (1978, p. 86) quanto Medeiros (2009, p. 53), indicam o ano de 1916 para esse evento. Porém, já em 1903, Rodrigues de Carvalho dá notícias de sua morte "assassinada em um samba, em Pombal, Parahyba" (Carvalho, 1903, p. 170). Perguntei a Medeiros, por telefone, quais eram suas fontes, e ele respondeu que muita coisa havia sido passada a ele, oralmente, por José Alves Sobrinho (1921-1911), um dos autores do dicionário de repentistas. Sobre Chica Barrosa, Medeiros ainda afirma que:

Foram seus pais os negros alforriados João Francisco dos Santos e Josefa da Conceição Silva, nascidos nas redondezas de Pombal, mais precisamente no Quilombo da Mãe D'água [...] em Pombal ainda existem descendentes dos negros da Mãe D'água, como eram conhecidos tais quilombolas. Chica Barrosa teve vários irmãos e nenhum deu para cantador afora ela, embora tenha parentes tocadores de fole. (Medeiros, 2009, p. 54).

Isso sugere que as fontes de informação de Medeiros (diretas ou não) possam ter sido os próprios moradores do Quilombo da Mãe d'Água, onde residiriam ainda seus descendentes.

Testemunhos da existência de Maria Turbana

O verbete sobre Maria Turbana que transcrevemos na introdução demonstra a escassez e a fragilidade das informações sobre ela, cuja memória, assim como a de seus versos, foram transmitidos através da oralidade. Mesmo a grafia de seu nome varia

³ Buscamos nos registros de batismos entre 1863 e 1881 da paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pombal, Diocese de Cajazeiras, cujos registros de óbitos terminam em 1889. Da mesma forma, buscamos nos registros de batismos entre 1865 e 1871 da paróquia de Nossa Senhora da Guia de Patos (Diocese de Patos), sem sucesso. Nos registros de óbitos do cartório de Pombal encontramos a uma Francisca Maria da Conceição, solteira, falecida aos 43 anos por causa de um aborto – porém não temos elementos suficientes para afirmar que se trata da nossa repentista. Observamos também que, nos documentos pesquisados, há muitos homônimos de "Francisca Maria da Conceição". Todos os registros estão disponíveis no site www.familysearch.org (acesso em 15 maio 2025).



conforme a fonte: Maria Turbana, Maria Trubana, Maria Trobana, Maria Tebana ou ainda Maria Thebana⁴. Câmara Cascudo complementa ainda as informações sobre ela:

Tocava bem viola e compunha, de ouvido, "rojões" e "bairanos" repinçados e tradicionais. Passou a terno de comparação. Tocar assim só Maria Turbana!... Bateu-se com Manuel do Riachão, negro afamado nos desafios, depois cego e ainda mais respeitável, ficando a luta indecisa. Esse desafio é o mais falado dos encontros de Maria Tebana. (Cascudo, 1939, p. 257).

Cascudo não explicita de onde tirou informações tão específicas, uma vez que elas não se encontram nas fontes que cita (Mota, 1921 e 1925; Carvalho, 1903 e Batista, 1929), de forma que provavelmente vêm de fontes orais. Evidencia-se nelas, como no trecho citado anteriormente, a conexão com outro cantador, Manoel do Riachão.

No jornal *O Paiz* do Rio de Janeiro encontramos, aos 6 de agosto de 1906, um curioso relato por um leitor identificado como major Rego Barros, que parece estar reagindo a uma matéria anterior do mesmo jornal que se referia à "lenda de Manoel do Riachão". Rego Barros nega que Riachão seja uma figura lendária, afirmando tê-lo conhecido na infância na fazenda de seu avô, juntamente com Maria Turbana, que seria sua esposa:

Escreve-nos o major Rego Barros: "Sr. redactor – Havendo lido hoje, com maximo prazer e interesse, vossa noticia sobre a conferência literaria do Sr. Viriato Correia, onde encontrei aberta a alma de nossos sertanejos, tão pura e simples como as selvas de nossos sertões do norte, encontrei, na parte em que trata dos poetas vagabundos, referencia á *lenda* de Manoel Riachão.

Não é, Sr. redactor, uma lenda a existencia de Manoel Riachão. Elle era, realmente, um poeta repentista desprovido de instrução, filho da Parahyba do Norte e casado com uma mulata chamada Maria Turbana, também poetiza, nas mesmas condições que elle, cujo casamento se effectuou em virtude da paixão nascida nos constantes desafios poeticos que travavam.

Era eu bem criança ainda quando vi Manoel Riachão e Maria Turbana, e tal foi a impressão causada que até hoje guardo perfeitamente nítidas suas feições.

A sua chegada em nossa casa – como receiava que meu avô não lhes daria guarida, por saber não apreciar de taes poetas vagabundos, logo [ilegível] fazenda, saiu-se com essa:

Seu coronel Manoel Antonio,
Eu não quero seu dinheiro,
Só quero que dê licença

⁴ Segundo Rodrigues de Carvalho, seu nome real seria Maria Tebana, e que Maria Turbana" seria uma corruptela de uso popular (Carvalho, 1903, p. 182). Apesar de listá-la entre os "trovadores" do Rio Grande do Norte, Carvalho especula, em nota de rodapé, que "há mais probabilidade de ser natural da Parahyba", sem, porém, mencionar as razões para tal suposição. Na mesma página, o autor discute ainda sobre a identidade cultural dos cantadores, a qual não necessariamente corresponde às fronteiras geográficas dos estados.

Que eu cante em seu terreiro.

Isso lhe valeu dois dias de festa em nossa fazenda (engenho Camaratuba)" (BARROS, 1906, p. 2).

Reunimos as informações aí contidas (major "Rego Barros", neto do "coronel Manoel Antonio", que seria proprietário de uma fazenda de nome "Camaratuba") e chegamos ao inventário do avô do informante, o capitão Manoel Antonio de Siqueira e Mello, realizado em 1879 no município de Mamanguape (PB) onde, entre outras informações, consta que faleceu "com testamento, no dia 25 de dezembro de 1877, no Engenho Camaratuba, deste município [...], deixando bens que precisam ser inventariados." (Inventário do capitão Manoel Antonio de Siqueira Mello, 1879, p. 2). Entre os herdeiros, encontravam-se os órfãos:

Francisco Antonio de Siqueira Mello, Manoel Antonio de Siqueira Cabral, José Joaq.^m do Rego Barros, D. Anna Idalina do Rego Barros e Antonio José Simões; representando os quatro primeiros, o seo finado pae Fran.^{co} Antonio de Siq.^{ta} Mello, e o ultimo a sua finada mãe D. Maria dos Anjos Mello Simões, de cujo[s] orfãos é o supp.^e tutor. (Inventário do capitão Manoel Antonio de Siqueira Mello, 1879, p. 2).

Encontramos também o inventário da esposa do capitão Manoel Antonio, dona Maria do Rosário Felisberto de Vasconcellos, realizado em 1876, que fornece ainda mais detalhes sobre os herdeiros:

[...] aos menores filhos do finado Francisco Antonio de Siqueira e Mello, a saber: Francisco Antonio de Siqueira e Mello, com dezoito ou dezenove annos de idade; Manoel Cabral de Mello, com dezessete ou dezoito annos de idade; Dona Anna com honze ou doze annos de idade; e José Joaquim do Rego Barros de desesseis ou dezessete annos o primeiro morador em Mamanguape, os outros dois em Camaratuba e o último na Capital desta Província, expedindo-se para a citação deste carta precatoria no juizo d'orfãos d'aquella Capital. (Inventário de dona Maria do Rosário Felisberto de Vasconcellos, 1876, p. 2-2v).

Concluimos, a partir daí, que o mencionado José Joaquim do Rego Barros é o nosso major Rego Barros. Tendo, conforme o inventário de sua avó, de dezesseis para dezessete anos em 1876, deve ter nascido por volta de 1859 ou 1860 – logo, teria por volta de 46 anos quando deu o depoimento ao jornal *O Paiz*. De forma que, uma vez declarado ser menino quando conheceu o casal de repentistas na fazenda do avô (o qual faleceu em 1877 e ainda era vivo na ocasião), esse evento deve ter ocorrido por volta de 1870. Essa informação ajuda a situar a atuação de Maria Turbana no tempo e no espaço – no caso, o município de Mamanguape (PB) no início da década de 1870.

A mais antiga menção escrita que encontramos sobre Maria Turbana está na *Revista Cearense*, publicação de assuntos literários, em volume datado de 1900:



E por toda a parte, a mesma expansibilidade, músicos, tocadores de violão, os cantores populares João Birro do Japy, os mestiços Pedro Regio, Ventania, Elisiario, Elesbão, os ex-escravos Thiago, José Romeiro, Maria Trubana, Lourival, Barbosa, e Assucena, etc. Agora (de 1889 para cá) é esse mesmo povo que se manifesta lisongeiramente em tentamens litterarios⁵. (CARVALHO, 1900, p. 137).

O trecho, que a classifica como "ex-escrava" não especifica se Maria Trubana estaria viva ou não. Também sugere que sua atuação e fama, assim como a dos outros cantadores citados, teria se dado em período anterior a 1889 – o que é compatível com a informação anterior de sua atividade na década de 1870.

Um outro depoimento atestando da existência de Maria Trubana nos é fornecido por Victorino de Brito Freire. Pernambucano, natural no município de Pedra em 1908, foi senador pelo Maranhão disputando poder político com o então emergente José Sarney. Publicou, em 1978, seu livro de memórias intitulado *A Laje da Raposa*, para o qual declarou ter coligido dados a partir de "recortes de jornais que acumulei durante toda minha vida, cartas e documentos [...] anotações pessoais, além das gravações feitas, por noites e noites, em companhia de meu filho, Luiz Fernando" (Freire, 1978, p. 12). Entre suas lembranças de infância, encontra-se a seguinte:

Trabalhava em casa de minha mãe uma empregada que tinha o nome de Maria Trubana. A nossa diversão era aborrecer a negra Trubana com versos, para que ela igualmente em versos nos respondesse. Por suas qualidades de repentista, tornou-se conhecida em Arcoverde e, em diversas ocasiões, quanto havia alguma festa ou reunião da família, invariavelmente a negra era chamada para se apresentar. (FREIRE, 1978, p. 23).

Tendo nascido em 1908, é de se supor que Victorino Freire tivesse idade suficiente para, se ainda não desafiar Maria "Trubana" com versos, ao menos de compreender o que se passava, o que dá a entender que os fatos narrados tenham acontecido por volta da década de 1910. Se já era ativa e famosa como repentista no início da década de 1870, em 1910 já estaria idosa, octogenária talvez.

Teria Maria Trubana terminado seus dias em Arcoverde, Pernambuco, como empregada na casa da mãe de Victorino Freire? Não se pode também descartar a hipótese de que tratasse de outra cantadora, alcunhada assim em homenagem à famosa repentista⁶ – e nem que Victorino Freire quisesse abrilhantar as glórias de sua casa incluindo a famosa repentista como empregada da família, desafiando as fronteiras entre

⁵ Parte deste trecho foi reaproveitado pelo autor no Cancioneiro do Norte (1903, p. 182).

⁶ Em 2024, a prefeitura de Caiçara do Rio do Vento, município do interior do Rio Grande do Norte, nomeou a UBS (Unidade Básica de Saúde) local com o nome "Maria Nazaré da Silva – Dona Maria Trubana" (CAIÇARA, 2024). Postagem no Instagram da prefeitura dá a entender que não se trata da cantadora aqui estudada, mas de uma cidadã "que residiu na comunidade e muito contribuiu, prestando auxílio na prevenção e recuperação da saúde dos munícipes" (<https://www.instagram.com/p/C9Dk1nDptMJ/>, postagem de 5 jul. 2024; acesso em 11 jul. 2025).

a ficção e a realidade. Seja como for, Victorino Freire nos fornece um relato de um desafio que a sua Maria "Trubana" teria travado em sua presença:

Num aniversário de minha mãe, apareceu em nossa casa um cantador, e resolvemos fazer com que Maria Trubana o enfrentasse num desafio. O cantador topou a parada e começou:

Nega Maria Trubana
Que é nega de sistema
Quero que tu me digas
Quantos ovos põe a ema

É sabido que as emas colocam todos os seus ovos no mesmo ninho, razão pela qual a resposta da negra Trubana foi rápida e precisa:

Quantos ovos põe a ema
Não te posso responder
Porque não põe uma só
Põe a mãe e põe a tia
Põe a filha e põe a avó

O cantador ficou surpreso com a rapidez e a lógica da resposta, e, para terminar logo com o assunto arrematou:

Cantador como eu
Merece todo o respeito
É uma nega como tu
Costumo levar no peito!

A negra Trubana, inteligente e atrevida, longe de considerar o desafio encerrado, fulminou o cantador:

Quanto a me levar no peito
Isso a mim não embaraça
Pois mais peito que tu
Tem uma porca de raça
Porque tem de oito a dez peitos
Mas de porca não passa!!!

Desancado por Maria Trubana, o cantador nunca mais apareceu!
(FREIRE, 1978, p. 23-24)

Encontramos variantes de parte do texto do desafio acima em outras fontes, como num artigo sobre "Folk-lore" de Esther Ferreira Vianna no jornal *Ilustração Brasileira*, de 1927, e no livro *Da Ema ao Beija-flor* de Eurico Santos, que os teria recolhido "num desafio de trovadores nordestinos, nesses batebocas poéticos, de repentistas sertanejos" (Santos, 1938, p. 9):

Vou-lhe fazer uma pergunta,
Seu cabeça de urupema:

Vou-lhe fazer uma pergunta
Seu cabeça de urupema



Quero que você me diga
Quantos ovos põe a ema.

Quero que você me diga
Quantos ovos põe a ema.

Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe um só;
Põe a mãe e põe a filha,
Põe a neta e põe a avó.
(Vianna, 1927, [p. 62])

Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe só;
Põe a mãe e põe a filha
Põe a neta e põe a avó.
(SANTOS, 1938, p. 9)

Também o encontramos num jornal de Fortaleza de 1896, em artigo anônimo denominado "Cansioneiro Popular":

"Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe só
Põe a mai e põe a filha
Põe a neta e põe avó"
(Cansioneiro Popular, 1896, p. 7)

Isso demonstra que esses versos circulavam na boca do povo pelo menos desde fins do século XIX. Caso o desafio de Maria Turbana com o cantador desconhecido registrado por Victorino Freire em suas memórias tenha se dado como narrado pelo autor, esse seria um *insight* interessante sobre a forma como os desafios eram travados. Dessa forma, o duelo entre os cantadores não se daria necessariamente em todos os versos, pois, para a pergunta sobre "quantos ovos põe a ema", a resposta já seria do conhecimento de ambos os repentistas, pois fazia parte de um repertório tradicional popular compartilhado oralmente.

Se formos reconstituir a biografia de Maria Turbana baseada nos elementos acima reunidos, concluiremos ter sido uma ex-escravizada, negra ou mestiça, originária do Rio Grande do Norte que se casou (ou se juntou) com o também repentista Manoel do Riachão com quem viajava para se apresentarem juntos duelando. Cerca de 1870 passaram por Mamanguape, Paraíba, onde se apresentaram na fazenda Camaratuba, e sua fase de maior fama se situaria entre as décadas de 1870 e 1880. No início do século XX, já octogenária, teria trabalhado como empregada doméstica na casa da mãe de Victorino Pereira, em Arcoverde, Pernambuco – mantendo, porém, ainda que esporadicamente, sua atividade como cantadora. O livro de óbito mais antigo do Registro Civil de Arcoverde que se encontra disponível no site *Familysearch* é de 1931 e a paróquia de Nossa Senhora do Livramento não possui livros de óbitos no mesmo site, de forma que não pudemos apurar se Maria Turbana falecera nesta localidade.

A permanência dos versos de Maria Turbana na oralidade

Um motivo constante que aparece nos versos atribuídos a Maria Turbana, ou a seus desafiantes, é a questão de seu marido ou, mais especificamente, o questionamento dos motivos da sua separação do mesmo. A versão mais antiga datável que encontramos está



em Rodrigues de Carvalho:

Sinhá Maria Turbana
Me conte lá a sua vida,
A senhora era casada
Porque largou seu marido?
Porque bebia *sianinha*,
E vinha curtir comigo.
(CARVALHO, 1903, p. 155)

O mesmo motivo se encontra numa das cadernetas de campo da missão de pesquisas folclóricas empreendida por iniciativa de Mário de Andrade em 1938. O manuscrito, sem data nem autor⁷, é intitulado *Discussão de Manoel do Riachão, com Maria Trubana* e, assim como o restante do material das missões, está custodiado pelo Centro Cultural São Paulo. Perto do final do desafio, Manoel do Riachão a questiona a esse respeito:

Riachão
A senhora, diz que é mansa,
Como pode me dizer e provar
Porque foi que seu marido
Não a pode supportar
Dirá que o ruim foi elle
Que é o meio de se desculpar.

Trubana
Tôdo mundo nesta terra,
Sabe quem foi meu marido,
Um cachaceiro insolente
Preguiçoso e atrevido
Vivemos juntos cinco annos
Nunca elle me deu um vestido."
(Discussão, [1938], p. 49)

Como vimos, segundo o relato do major Rego Barros, Riachão seria justamente o marido de Maria Turbana, o que acrescentaria um tom de auto-ironia nos desafios que deveria reforçar o efeito cômico.

Encontramos novamente o motivo acima numa coletânea de música para rabeça denominada *Rabequeiros Pernambucanos*. Gravada em 2011, a coletânea registra peças do repertório de diversos rabequeiros tradicionais de Pernambuco sendo que um deles, João Cesário Venâncio, conhecido como Mestre Araújo, canta junto com outro rabequeiro um resumo dos versos acima:

Dona Maria Trubana

⁷ A data, atribuída ao documento no catálogo do Centro Cultural São Paulo, é 1938 (a data da missão) e o lugar da recolha, Patos, Paraíba (ACERVO, 2000, p. 29).



Prá quê largou seu marido?
Dá quatro festas do ano
Que eu não dou-lhe um vestido.
(Mestre Araújo, 2011, transcrição nossa)

Não conseguimos comprovar se, além do texto, a melodia também estaria atrelada ao motivo de Maria Turbana sendo igualmente transmitida por gerações – tema esse que pode ser investigado posteriormente⁸.

Outra ocorrência do motivo de Maria Turbana e seu marido foi encontrado no *Ilé Asé Oya Egum*, um terreiro de umbanda ativo na periferia de Recife. Em 25 de abril de 2021⁹, os devotos realizaram a festa de Maria Turbana que, neste terreiro, é venerada como uma pombagira. Incorporada por um homem, a pombagira Maria Turbana anuncia sua chegada e canta uma versão do motivo aqui estudado juntamente com a audiência, que a responde em coro:

Audiência
[És a?] Maria Turbana
porque largaste o marido?

Maria Turbana
Eu larguei meu marido
Porque não era homem

Audiência
Ela largou seu marido
porque não era homem

Maria Turbana
Me deixava maltratada
Me via passar fome

Audiência
Me deixava maltratada
Me via passando fome

Maria Turbana
Depois que larguei meu marido

Audiência
Nunca mais me [lhe] faltou homem

Maria Turbana
Todos brancos são afoitos

⁸ O canal *Rabeca & Cantorias* apresenta, em meio a uma coleção de "toadas de cavalo marinho" para rabeca, uma toada que leva o nome de "Maria Trubana". Como a melodia não leva letra, é de se supor que esse seja um dos motivos musicais que, na tradição popular, estaria associado à nossa repentista (TOADA, 2017).

⁹ Há outro registro de uma festa da "mestra" Maria Turbana pelo mesmo terreiro, realizada a 5 de março de 2023 (Festa, 2023).



Todo negro é enxerido

Audiência
Todos brancos são afoitos
Todo negro é enxerido

Maria Turbana
Mas não é de vossas contas
Porque larguei meu marido

Audiência
Mas não é de vossas contas
Porque largou seu marido

Maria Turbana
Casada é bem casada
Sozinha eu sou solteira

Audiência
Casada ela é bem casada
Sozinha ela é solteira
(Festa, 2021, transcrição nossa)

Um outro motivo textual preservado através dos anos foi por nós encontrado publicado pela primeira vez em 1906, na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Em carta a Viriato Corrêa, um leitor pernambucano identificado como Octavio de Paiva¹⁰ relata suas experiências com o repertório dos cantadores de sua terra:

Filho de Pernambuco, [...] ouvi muita vez os velhos *corumbas* relatarem histórias de desafios de Manuel do Riachão, Rio Preto e outros. De um delles, vaqueiro, ouvi nos meus saudosos dias de criança a historia de um desafio entre os dous sertanejos citados, de que conservo a lembrança desta estrophe:

Seu Manué do Riachão
Que peccados são os seus?
Num anno tão bom de inverno
Seu riacho não correu.
([Paiva?], 1906, p. 4)

Na gravação de 2011, o rabequeiro Mestre Araújo nos dá uma outra versão dos mesmos versos relacionando-os, porém, a Maria Turbana:

Dona Maria Turbana
Que pecado é esse seu?
Num ano de tão bom inverno
Seu riacho não encheu.
(Mestre Araújo, 2011, transcrição nossa)

¹⁰ O exemplar do texto, disponível online, está pouco legível, dificultando a leitura do sobrenome do autor. Supomos ser "Paiva".

Expomos aqui apenas alguns exemplos pontuais de versos associados a Maria Turbana, registrados na literatura e que possuem correspondências em tradições orais ainda vivas. Acreditamos que um estudo sistemático sobre os mesmos podem revelar ainda várias outras correspondências e relações, que poderão ajudar a elucidar alguns aspectos da execução, difusão e talvez até mesmo da origem do fenômeno do repentismo.

Considerações finais

Neste trabalho enfrentamos o desafio de buscar a historicidade de personagens cuja memória sobreviveu basicamente em versos propagados por cantadores que o ouviram de segunda, terceira mão, e que foram posteriormente registrados por estudiosos a partir do começo do século XX. No caso das cantadoras, o fato de serem mulheres do povo, ex-escravizadas e analfabetas dificulta consideravelmente o trabalho devido à escassa, ou mesmo ausência de documentação específica sobre as mesmas. Muitas delas nasceram, cresceram, se casaram e faleceram sem que os registros oficiais atestassem esses eventos. Francisca Pereira dos Santos também confirma a falta de informações concretas a respeito dessas mulheres, invisibilizadas também nas coletas oficiais de repertório repentista (Santos, 2010, p. 238).

Por outro lado, raros são os estudos sobre a permanência de textos e/ou melodias específicas na memória popular, até pela própria natureza fugaz do fenômeno. Luigi Ferdinando Tagliavini foi um dos pioneiros no tema, ao estudar a repercussão da melodia do chamado *Ballo di Mantova* em diversas épocas e países graças a registros escritos que possibilitaram mapear o alcance da peça (Tagliavini, 1994 e 2014). Também demos nossa contribuição ao tema, explorando vestígios dessa mesma melodia na tradição oral brasileira (Issa Gonçalves, 2022).

Os cantos aqui estudados nos fornecem igualmente a evidência da persistência de certos cantos (e da memória de seus autores) através dos tempos, desta vez na oralidade do povo nordestino. A transmissão oral aqui teria sido o principal fator da permanência – afinal, é pouco verossímil supor que rabequeiros e umbandistas pernambucanos tenham escolhido seus repertórios através da leitura de livros de recolhas de poesia popular do início do século XX, como os de Rodrigues de Carvalho.

Em seu livro, Deífilo Gurgel (2012) traz diversos exemplos de como a memória de um indivíduo, mesmo analfabeto, pode funcionar como uma verdadeira biblioteca. Entre outros informantes, Dona Militana Salustino (1925-2010) transmitiu-lhe trinta romances de memória, e Juvina Lourenço (1930-2008) mais de vinte. É possível comparar seus repertórios com o de romances difundidos na península ibérica e suas diásporas séculos atrás, os quais continuam sendo transmitidos oralmente em diversas partes do mundo – em verso e em música. Portanto, metodologias que integrem a memória oral com os instrumentos tradicionais da pesquisa musicológica seriam vitais para, no dizer de



Leonardo Waisman (1993), uma melhor compreensão da complexidade dos fenômenos culturais (e musicais) sul-americanos.

Referências

1. Arquivo do Centro Cultural São Paulo

DISCUSSÃO de Manoel do Riachão com Maria Trubana [manuscrito do acervo das Missões de Pesquisas Folclóricas]. Caderneta de anotação 407-TM27, p. 37-51, Patos, [1938].

2. Arquivo da Primeira Vara da Comarca de Mamanguape - PB

INVENTÁRIO (cópia) de D. Maria do Rosario Felisberto de Vasconcellos. Inventariante capitão Manoel Antonio de Siqueira e Mello, 340 fl., 1876. Disponível em: <https://archive.slavesocieties.org/volume?id=7036535>. Acesso em 15 out. 2024.

INVENTÁRIO do capitão Manoel Antonio de Siqueira e Mello. Inventariante e testamenteiro capitão José Felis [sic] do Rego Barros, 116 fl., 1879. Disponível em: <https://eap.bl.uk/archive-file/EAP853-1-4-127#?xywh=-2000%2C-1%2C7455%2C5184&cv=3>. Acesso em 15 out. 2024.

3. Publicações e estudos

ACERVO de pesquisas folclóricas de Mário de Andrade: 1935-1938. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2000.

ALMEIDA, Átila Augusto F. de; SOBRINHO, José Alves. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada.** João Pessoa: Editora Universitária – Universidade Federal da Paraíba, 1978.

ANANIAS, Mariana do Nascimento. **Os desafios de Chica Barrosa:** estudo dos fragmentos poéticos e biográficos de uma repentista negra da Paraíba Oitocentista. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2023.

BAPTISTA, Francisco das Chagas. **Cantadores e poetas populares.** Parahyba: F. C. Baptista Irmão, 1929.

BARROS, Rego. A Lenda do Manoel Riachão. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 7977, p. 2, 6 ago. 1906.

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola:** Folk-lore. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921.

BOUÏÈRE, J; SCHUTZ, A. H. **Biographies des Troubadours:** textes provençaux des XIII^e et XVI^e siècles. Paris: A. G. Nizet, 1973.

CAIÇARA do Rio do Vento (RN). **Lei Ordinária Municipal Nº 528/2024.** Denomina de "Maria de Nazaré da Silva – Dona Maria Trubana, a UBS – Unidade Básica de Saúde,



localizada na Rua da Serra da Corcunda, Bairro de Nova Descoberta. Caiçara do Rio do Vento (RN): Prefeitura Municipal de Caiçara do Rio do Vento, 2024.

Disponível em: https://www.caicaradoriodovento.rn.gov.br/arquivos/253/LEI_MUNICIPAL_528_2024_0000001.pdf. Acesso em 11 jul. 2025.

CANSIONEIRO [*sic*] Popular. **O pão da padaria espiritual**, ano III, n. 34, Fortaleza, 30 set. 1896. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/706965/per706965_1895_00034.pdf. Acesso em: 1 jul. 2025.

CARVALHO, J. Rodrigues de. Subsídio para a História do Norte Litterario. **Revista da Academia Cearense**, Fortaleza, v. 5, p. 125-145, 1900.

CARVALHO, J. Rodrigues de. **Cancioneiro do Norte**. Fortaleza: Militão Bivas & C. 1903.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**: Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

FESTA de Maria Turbana 25/4/2021 (Ilé Asé Oya Egum, Recife). 1 vídeo (8 min.) Publicado pelo canal Ilé Asé Oya Egum Axé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ho-gXjp8Vz4&t=168s>. Acesso em: 1 mar. 2025.

FESTA da mestra Maria Turbana 05/03/2023 (Ilé Asé Oya Egum, Recife). 1 vídeo (7 min.) Publicado pelo canal Ilé Asé Oya Egum Axé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=goEUIXvaBc>. Acesso em: 11 jul. 2025.

FREIRE, Victorino. **A Laje da Raposa**: Memórias. Rio de Janeiro: Guavira, 1978.

GURGEL, Deífilo. **Romanceiro Potiguar**. Natal: Fundação José Augusto, 2012.

ISSA GONÇALVES, Daniel. A solfa do Romance da Bela Infanta: uma melodia italiana do século XVII teria sobrevivido na tradição oral brasileira? **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 277-293, 2022.

LEWIN, Linda. Oral tradition and elite myth: The legend of Antonio Silvino in Brazilian popular culture. **Journal of Latin American Lore**, Los Angeles, v. 5, n. 2, p. 157-204, 1979.

LEWIN, Linda. Who was "O Grande Romano"? Genealogical purity, the indian "past" and whiteness in Brazil's northeast backlands (1750-1900). **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 25, n. 1, p. 83-143, 2007.

MESTRE ARAÚJO, João Cesário Venâncio. Maria Trubana. **Rabequeiros de Pernambuco**, 2011. 1 vídeo (4 min.). Publicado pelo canal Messias RJ (Forró Tradicional). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=evzMMMD5aXNY>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MEDEIROS, Irani. **Chica Barrosa**: a rainha negra do repente. João Pessoa: Ideia, 2009.



MEDEIROS, Irani. **Fabião das Queimadas**: de vaqueiro a cantador. João Pessoa: CJA/Sebo Vermelho, 2017.

MOTTA, Leonardo. **Cantadores**: poesia e linguagem no sertão cearense. Rio de Janeiro: Castilho, 1921.

MOTTA, Leonardo. **Violeiros do Norte**: poesia e linguagem no sertão nordestino. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925.

[PAIVA?], Octavio de. Manuel do Riachão. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 225, p. 4, 14 ago. 1906.

SANTOS, Eurico. **Da Ema ao Beija-Flor**: vida e costumes das aves do Brasil. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia, 1938.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 35 (Dossiê poéticas da oralidade), p. 207-249, Jan-Jun 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40183515>. Acesso em: 1 jul. 2025.

TAGLIAVINI, Luigi Ferdinando. Il Ballo di Mantova, ovvero "Fuggi, fuggi da questo cielo", ovvero "Cecilia", ovvero... **Max Lütolf zum 60. Geburtstag – Festschrift**. Basel: Wiese Verlag, 1994, p. 135-175.

TAGLIAVINI, Luigi Ferdinando; TAMMINGA, Liuwe. Ancora sul Ballo di Mantova alias canto di "Cecilia", alias "Noël suisse". **L'Organo: Rivista di cultura organaria e organistica**, vol. 46, p. 5-56, 2014.

TOADA n. 6 – Maria Trubana. 1 vídeo (1 min.). Publicado pelo canal Rabeca & Cantoria em 23 nov 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUbuvmwHrc>. Acesso em: 1 jul. 2025

VIANNA, Esther Ferreira. Folk-Lore e Assombrações. **Ilustração Brasileira**. Ano VIII, n. 83, julho 1927. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/107468/per107468_1927_00083.pdf. Acesso em 2 jul. 2025.

WAISMAN, Leonardo J. Una musicología integrada para latinoamérica. **Revista de Musicología**, Madrid, v. 16, n. 3, p. 1771-1777, 1993.

